

O ESPECULAR E O ESCÓPICO - UMA RESENHA DE *CENÁRIOS DO ESPAÇO URBANO*

COSTA, Maria Alice Nunes. *Cenários do Espaço Urbano*. Rio de Janeiro: Autografia, 2020.

Luiz Augusto F. Rodrigues
Universidade Federal Fluminense

Recebido em 09/06/2021

Aceito em 03/07/2021

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. (CALVINO, 1990, p. 18)

Maria Alice Costa inicia seu livro de fotografias dedicadas aos *Cenários do Espaço Urbano* com um discreto "1º Ato: Caminhando..."; um caminhar que nos leva ora para perto, ora para longe, ora para dentro da cena, ora como se fossemos mais um grão da multidão que marca muitas de nossas cidades na contemporaneidade, numa espécie de *flânerie*.

Lucrécia Ferrara (2000), ao refletir sobre alguns desdobramentos da cidade moderna, assevera: "Se o *flâneur* e seu ambiente estavam envolvidos por um apelo sensível polissensorial de raiz táctil, o esfacelamento progressivo daquele comportamento supõe substituir aquela polissensorialidade pela hegemonia da visão", e argumenta que "já não se trata de resgatar o indivíduo por seus traços, marcas, sinais fisionômicos; visto que esse contacto, essa aproximação deixa de existir uma vez que se perde a possibilidade de praticar aquele resgate. (FERRARA, 2000, p. 89)

As fotografias de Maria Alice nos fazem transitar do especular para o escópico. Por especular estamos aqui indicando os reflexos diretos de um espelho, ou - neste caso - aquilo que a imagem nos suscita, racionalmente, de modo direto, como na perspectiva lacaniana, na qual a imagem especular possibilita estabelecermos relação do nosso Eu com a realidade. Por escópico - ainda em uma configuração psicanalítica - seria assumirmos o olhar do Outro. O que vemos e o que estaria a ver a fotógrafa; é um dos enigmas que o livro vez por outra nos incita... O que vemos e o que imaginamos estavam os olhos da artista a flagrar...

A coletânea de fotos ora repousa em visões panorâmicas da cena urbana, ora somos imediatamente levados à visão pontual pré-configurada ao final de um túnel, numa verdadeira percepção dentro/fora como apontada nos estudos de Gordon Cullen (1981). Apoiados ainda em

Cullen, cenários capturados pelo olhar da autora/artista nos induzem a estar perto ou longe, aqui/lá/acolá, a ver do alto ou do baixo, ora em cenas de um cotidiano qualquer, ora em flagrantes de um real que tenta de nós fugir mas que capturado pelas lentes da fotografia se eterniza numa folha de papel ou tela de um computador.

Vê-se um pouco de tudo (ou seria de tudo um pouco?): cenas simetricamente capturadas por um olhar renascentista, e cenas onde certa tensão entre claro e escuro nos remete a uma tela quase barroca. Passa-se de certa complacência serena e calma para sermos, de supetão, inseridos numa dramática cena urbana plena de surpresas, indefinições, tensões e veladas disputas...

Na seção "Mirando 1" somos levados agora efetivamente a Cenários do Espaço Urbano em sua dimensão não mais da possibilidade de miradas pontuais e sim de cenas que são recortes temáticos que vão das areias das praias aos concretos de uma 'selva de pedra', aos telhados que se fazem emaranhar. E "Mirando 2" segue emoldurando cenas... "Mirante 3" se dedica a capturar raios do sol, da lua... das luzes naturais e artificiais.

A seção "A Solidão na multidão" traz algumas imagens em preto e branco, em sua maioria com aglomerações flagradas de uma época ainda não impactada pelo afastamento social provocado pela pandemia do coronavírus.

"Passarinhando..." continua 'voando' pelo mundo afora. Me detenho na pequena fotografia de uma pichação linda e colorida que nos brinda com um "ELE NÃO" e não temos como não evocar Mário Quintana e seu 'Eles passarão.../Eu passarinho'...

"Antifrase visual" é uma seção impactante, na qual desfilam imagens de tropas, policiais, guardas - mesmo que em situações comemorativas ou fantasiosas como o romano tipicamente vestido que passa solitário aos olhos curiosos de alguns e indiferentes de outros. A seção termina com uma foto cuja parede ostenta o brasão da Polícia e a indicação "Carceragem cidadã", ao que a artista sensivelmente nos provoca na rara (e única) legenda em todo o livro: "Como assim???" E ela tem razão, pois vivemos uma democracia atrofiada, reiteradamente 'encarcerada', eu diria mesmo que muitas vezes estuprada...

"Bikes" é uma parte linda deste livro que vai "Caminhando...", mas também nos propõe paradas, miradas tanto fixas como em rebeldes e desfocados movimentos.

"Vista Cansada" é toda de fotografias p&b. A lhe seguir, a seção "Praiano". De novo transitamos entre imagens panorâmicas e flagrantes pontuais, por vezes plenamente gestálticos - como na imagem de um jogador na qual bola e corpo são capturados no ar... Esportes, descansos, traquinices desfilam pelas belas páginas do livro.

"Dos escravos de ganho ao comércio ambulante 'empreendedor'" é outra seção muito 'feliz' apresentada pelas lentes e olhares da fotógrafa. Fotografias com belos enquadramentos a representar,

nos fazeres cotidianos de muitas de nossas cidades, tão diversas corpografias (ou cartografias corporais).

A seção "Pesos e medidas" me deu 'água na boca', literalmente, pois ao me debruçar sobre a proposta de resenhar esta obra me esqueci do tempo, me achei (e também me perdi...) nas imagens capturadas por olhares pausados cujos registros me fizeram esquecer o tempo e a 'pular' refeições.

E se seguem as partes "transitando entre cenas", "criatividades urbanas", "ombre-lones", "carne levar" - nas quais pomos de novo à prova os 'deslizamentos' e as 'condensações' entre as imagens especulares e as imagens escópicas da teoria lacaniana.

"Entreatos 1" dá 'voz' e 'vez' às mulheres através das imagens, a meu ver numa clara intenção de retirar a questão 'gênero' de um histórico entrelugar, e, pela força das fotografias, fazer com que estes corpos ocupem quaisquer espaços. Frida Kahlo, Marielle Franco, Leila Diniz entre outras tantas mulheres são homenageadas nesta seção (mesmo que indiretamente).

E segue a fotógrafa/artista/mulher/educadora Maria Alice entre "ritos" e "silêncio do som" para aportar no "Entreatos 2" - seção de uma foto só, mas que traz em epígrafe uma das tantas maravilhas do poeta Fernando Pessoa.

"Último Ato - O LUGAR da Educação no Brasil - Qual é?" abre a cena com a imagem de uma favela visualizada através de uma janela. Retomo aqui: o que estava a prender o olhar da fotógrafa? Qual detalhe? Havia algum? O que quis capturar?... Será que o que vemos na foto é consoante com o que Maria Alice Nunes Costa estava a olhar? É a vulnerabilidade ou a potência deste cenário do espaço urbano que a fotografia quer destacar? Fico com ambos, pois nela se vê criatividade coletiva e descaso público; uma cena que em si própria nos possibilita apreender um dos muitos lugares da educação no Brasil, como a questão que se coloca como subtítulo deste último ato. Esta, a meu ver, poderia/deveria ser a fotografia a encerrar o capítulo.

Como o psicólogo e filósofo suíço Carl Jung (2008) nos ensinou: os símbolos são importantes marcações humanas, tanto de nossos sonhos como das estruturas narrativas que modelam nosso inconsciente.

Parafraseio neste final o geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (1983, p. 39): "o homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais". E segue o autor na mesma obra: "o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado [...] as experiências íntimas jazem enterradas no mais profundo de nosso ser, de modo que não apenas carecemos de palavras para dar-lhes forma, mas frequentemente não estamos sequer conscientes delas" (p. 151).

Ainda seguindo Tuan, destaco: "Como um resultado do uso habitual, o próprio caminho adquire uma densidade de significado e uma estabilidade que são traços característicos de lugar. O

caminho e as pausas ao longo dele, juntos constituem um lugar maior - o lar" (TUAN, 1983, p. 200). O trabalho artístico de Maria Alice, ao recuperar em suas fotografias suas memórias, está a construir, a ladrilhar seu lar, seu espaço de encontro consigo mesma nestes tempos de pandemia que estimularam este livro, como atesta a autora. Que bom que ela compartilhou conosco essa sua morada...

REFERÊNCIAS:

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CULLEN, Gordon. **El paisaje urbano**; tratado de estética urbanística. Barcelona: Editorial Blume, 1981.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Os significados urbanos**. São Paulo: EDUSP: Fapesp, 2000.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

AUTOR:

Luiz Augusto F. Rodrigues

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense. Professor Titular do Departamento de Arte da Universidade Federal Fluminense, vinculado ao quadro docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades / PPCULT.

E-mail: luizaugustorodrigues@id.uff.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0583-9641>